

UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA  
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS  
BACHARELADO INTERDISCIPLINAR EM CIÊNCIAS HUMANAS

CLÉRIO FERREIRA MARTINS JÚNIOR

**“MÃE-ÁFRICA ENGRAVIDOU EM ANGOLA, PARTIU DE LUANDA E DE BENGUELA.” UMA  
OBSERVAÇÃO DO MITO FUNDADOR DA UMBANDA E SUAS ORIGENS**

Artigo apresentado ao Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas, da Universidade Federal de Juiz de Fora, como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel (Trabalho de Conclusão de Curso). Orientador: Sônia Regina Corrêa Lages

Juiz de Fora

2023

## DECLARAÇÃO DE AUTORIA PRÓPRIA E AUTORIZAÇÃO DE PUBLICAÇÃO

Eu, Clério Ferreira Martins Júnior, acadêmico do Curso de Graduação Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas, da Universidade Federal de Juiz de Fora, regularmente matriculado sob o número 202073092A, declaro que sou autor do Trabalho de Conclusão de Curso intitulado "Mãe-África engravidou em Angola, partiu de Luanda e de Benguela. Uma observação do mito fundador da Umbanda e suas origens", desenvolvido durante o período de 21/08/2023 a 09/12/2023, sob a orientação de Sônia Regina Corrêa Lages, ora entregue à UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA (UFJF) como requisito parcial à obtenção do grau de Bacharel, e que o mesmo foi por mim elaborado e integralmente redigido, não tendo sido copiado ou extraído, seja parcial ou integralmente, de forma ilícita de nenhuma fonte além daquelas públicas consultadas e corretamente referenciadas ao longo do trabalho ou daquelas cujos dados resultaram de investigações empíricas por mim realizadas para fins de produção deste trabalho.

Assim, firmo a presente declaração, demonstrando minha plena consciência dos seus efeitos civis, penais e administrativos, e assumindo total responsabilidade caso se configure o crime de plágio ou violação aos direitos autorais.

Desta forma, na qualidade de titular dos direitos de autor, autorizo a Universidade Federal de Juiz de Fora a publicar, durante tempo indeterminado, o texto integral da obra acima citada, para fins de leitura, impressão e/ou download, a título de divulgação do curso de Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas e ou da produção científica brasileira, a partir desta data.

Por ser verdade, firmo a presente.

Juiz de Fora, \_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_.

---

Clério Ferreira Martins Júnior

### **Marcar abaixo, caso se aplique:**

Solicito aguardar o período de ( ) 1 ano, ou ( X ) 6 meses, a partir da data da entrega deste TCC, antes de publicar este TCC.

# MÃE-ÁFRICA ENGRAVIDOU EM ANGOLA, PARTIU DE LUANDA E DE BENGUELA<sup>1</sup>.” UMA OBSERVAÇÃO DO MITO FUNDADOR DA UMBANDA E SUAS ORIGENS

Clério Ferreira Martins Júnior<sup>2</sup>

## RESUMO

O presente estudo tem como objetivo analisar informações e dados históricos para que se tenha uma compreensão dos povos bantu, seu processo de colonização e suas religiosidades, para que seja traçado uma linha histórica que culmina nos sincretismos e hibridismos que aconteceram no Brasil, e que moldaram a religião de Umbanda, evidenciando assim, o seu passado e suas ligações com os povos de tradição bantu. Seguindo esta rota, chega-se ao processo de institucionalização da religião de Umbanda e a criação de seu mito fundador através de Zélio Fernandino de Moraes, e o porquê desta figura ter surgido no meio social e religioso daquela época. A metodologia foi realizada através do levantamento e análises bibliográficas que discutem os temas mencionados, a análise de vídeos, vídeo aulas e podcasts, e por se tratar de uma religiosidade que tem como base a troca de conhecimentos pela oralidade, conversas com os mais velhos de terreiro e pesquisadores acadêmicos que são pais e mães de santo. Conclui-se que a construção do mito fundador e o distanciamento das religiosidades de povos africanos, se deu por motivos da instalação do Estado Novo, o fim do regime escravagista e a tentativa de aceitação social da nova religiosidade, que estava mexendo na estrutura social brasileira; fazendo com que sofressem um processo de higienização e tentativa de apagamento de suas ligações e raízes afrodiáspórica

**PALAVRAS-CHAVE:** Umbanda. Religiosidade bantu. Hibridismo religioso. Sincretismo Religioso. Religiões afro-brasileiras.

## 1. INTRODUÇÃO

Com a pauta de algumas discussões sociais que foram se ascendendo ao longo dos anos, passou a ser questionado o mito fundador da religião de Umbanda e as origens de onde a mesma adveio. Neste trabalho iremos analisar de forma empírica e acadêmica, por meio de pesquisas bibliográficas, análise de vídeos relacionados ao tema, vídeo aulas, podcasts e análise de conversas com base em princípios metodológicos com os “mais velhos” de terreiro, pais e mães de santo que também são pesquisadores acadêmicos e fazem parte do atual movimento umbandista que discute sobre as origens bantu da religião de Umbanda, e a fomentação na dispersão das suas conclusões científicas. Também se analisou dados históricos e sociais para ter a compreensão da ligação da religiosidade umbandista com os povos bantu e os processos de modificações, adaptações, aglutinamentos e hibridismos que ocorreram com esses povos antes mesmo de sua chegada em terras brasileiras; e que culminou no decorrer dos anos na formação institucionalizada da Umbanda.

Este estudo analisa de forma sucinta o processo de colonização portuguesa nas regiões congolanas, observando o impacto dos colonizadores nos cativos, as trocas ocorridas quando estavam

---

1 PAULO CÉSAR PINHEIRO. *Toque de Benguela. Quitanda*: 2010. Suporte (2:39).

2 Graduando em Ciências Humanas pela Universidade Federal de Juiz de Fora – UFJF. E-mail: clerio.ferreiram@gmail.com. Artigo apresentado ao Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel. Orientador: Profa. Dra. Sônia Regina Corrêa Lages.

aprisionados nos barracões, fortes e prisões antes do seu embarque nos navios negreiros, e os constantes intercâmbios de identidades culturais e religiosas que esses processos permitiram acontecer, entendendo que os negros cativos eram sujeitos ativos neste desenvolvimento de hibridismo e aglutinações<sup>3</sup>.

A primeira parte do trabalho é assinalada com os estudos de Brígida Carla Malandrino em sua tese de doutorado<sup>4</sup>, que pesquisou as religiosidades bantu na atual região de Moçambique, e as estruturas que a compõem, como o culto aos antepassados, a comunicação com os mortos, a interação com o Ser Supremo e a energia vital.

Prosseguimos com a apresentação de quem é Zélio Fernandino de Moraes, o quadro de doença que o levou até a Federação Espírita de Niterói, dando a oportunidade de manifestação do Caboclo das Sete Encruzilhadas e os valores que seriam apresentados como pautas base da nova religião.

Adiante abordaremos o processo de colonização dos povos bantu antes e depois da sua chegada em terras brasileiras, apresentando fatores históricos e sociais da extração dos cativos, e as religiosidades híbridas (como os calundus, a cabula e a macumba carioca) que foram se construindo através da interação de diferentes povos e tradições. Expõe-se elementos sincréticos entre os bantu e a religiosidade umbandista, compreendendo os saberes ancestrais como uma forma de tecnologia de sobrevivência, permanência e seguridade de suas tradições.

E por fim, a exposição das influências da instalação do Estado Novo e o fim do regime escravagista, onde esses processos históricos influenciaram por difusão a ideia de que Zélio Fernandino seria o fundador da Umbanda no dia 15 de novembro (alusão ao dia da Proclamação da República) de 1908<sup>5</sup>.

Com tais análises pode-se concluir que a figura, a data e as situações escolhidas para simbolizar o momento do mito fundador da religião de Umbanda, dialoga com os desejos da sociedade daquela época, que tentavam a criação de um projeto de identidade nacional brasileira, contendo em sua estrutura uma sociedade embranquecida, livre de superstições e fetiches de magia de origem africana e desvinculada das identidades negras.

## 2. Religiosidades

Para compreender o processo de construção da religião de Umbanda no Brasil de forma científica e acadêmica, faz-se necessário analisar suas profundas raízes. De origem africana, a Umbanda tem em suas bases componentes das religiosidades bantu, indígenas, do catolicismo popular e espírita. Compõe-se dentro do meio religioso uma ambivalência de personagens e protagonismos, como por exemplo a passagem pelo Brasil da Calunduzeira angolana Luzia Pinta, e a figura de Zélio Fernandino de Moraes enquanto institucionalizador da religião.

Para ter uma compreensão ao longo deste trabalho, é necessário analisar quem foram estes personagens e em qual momento histórico eles estão inseridos. Luzia Pinta é uma figura do Brasil colonial, onde as religiosidades africanas sofriam repreensões e a mesma foi condenada pelo Tribunal da Santa Inquisição. Zélio já aparece em um Brasil mais contemporâneo, na metade do século XX é

---

3 MALANDRINO apud ENGEMANN, De laços e nós, p.30.

4 MALANDRINO, Brígida Carla. Há sempre confiança de se estar ligado há alguém: dimensões utópicas das expressões das religiosidades bantu no Brasil. 2010. Tese (Doutorado em Ciências da Religião). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUC SP, 2009.

5 OLIVEIRA, J.H.M. As estratégias de legitimação da Umbanda durante o Estado Novo: institucionalização e evolucionismo. HORIZONTE – Revista de estudos de Teologia da Ciências da Religião, v.4, n.8, p.133-143, 3 jun. 2006.

citado em jornais e periódicos da Federal Espírita de Umbanda, criada para fazer informativos, padronizar e investigar a prática religiosa<sup>6</sup>.

## 2.1 As Religiosidades Bantu

Entende-se como religiosidades bantu, um grupo de crenças, culturas e tradições a respeito de um povo que se espalhou por diversos lugares da África, carregando assim hibridismos, aglutinações, semelhanças e proximidades na sua cosmologia e cosmogonia (formas de explicar como o universo funciona e como ele surgiu), estruturas linguísticas, hábitos e cultura, e tais processos não são fixos, tendo em vista marcos históricos e geográficos que influenciaram os sujeitos em suas construções.

Brígida Carla Malandrino em sua tese de doutorado viajou para Maputo, capital de Moçambique, e pesquisou as religiosidades bantu remanescentes naquela região, tendo como base entrevistas com curandeiras em comparação a bibliografias estudadas. A pesquisadora discorre sobre a grande importância dada aos mortos dentro das religiosidades bantu. Para esses povos, sua ligação com os que partiram inicia-se antes mesmo do seu nascimento, quando a mulher grávida vai até os sacerdotes de culto e pergunta ao oráculo, que faz ligação direta com os espíritos dos antepassados mortos, se aprovam o nome que aquela criança ganhará. Os nomes são escolhidos com relação a algum antepassado já existente na raiz dessa família, e esse sujeito terá uma ligação intrínseca com este espírito antepassado por toda sua caminhada.

Aos espíritos dos mortos, os quais são chamados de antepassados, são prestados cultos e têm um altar familiar; quando os antepassados pedem e em cerimônias festivas, lhes são ofertados alimentos, bebidas e consagrações votivas aos pés de uma árvore sagrada. Animais também são sacrificados com a intenção de agradar os antepassados. Tamanha é a importância destes rituais com o propósito de que este antepassado permaneça vivo, que haja harmonia e estabilidade entre os vivos, já que os povos bantu compreendem que uma pessoa morre apenas quando é esquecida.

Dentro dessa cultura um dualismo espiritual acontece com a classificação da magia e quem as pratica, e elas são o curandeirismo e feitiçaria. O primeiro, tem a intenção de trazer harmonia, ordem, estabelecer equilíbrio entre os vivos e os mortos. Faz-se uso de oráculos, alguns têm a habilidade de incorporação de espíritos, recomenda-se o uso de ervas e desmancham trabalhos negativos feitos pelos feiticeiros. Os feiticeiros se encontram na categoria de provocar doenças, trazer desordens familiares e sociais, provocam a instabilidade<sup>7</sup>. Esta religiosidade está tão conectada aos seus sujeitos, que ela não é apenas uma filosofia de vida, mas uma regra comportamental de comunidade. Com isto, os feiticeiros são socialmente criminalizados por seus feitos, quando descobertos.

Segundo as entrevistas coletadas pela pesquisadora, o Ser Supremo pode ser chamado de *N'Zambi*, *Kalunga*, *Suou*, *Huku*, *Sugu*, e é responsável pela manutenção e origem de toda energia vital. Em conversas com o historiador e pesquisador Guilherme Watanabe, Pai de Santo do Terreiro de Umbanda Caboclo Urubatão da Guia, em São Paulo, este Ser Supremo pode ser entendido também como a coletividade, o agrupamento de todos os ancestrais. A diferença de antepassado para ancestral, é que o primeiro é um espírito de um morto familiar, e o segundo é compreendido como um ser ilustre de grandes feitos em épocas passadas.

---

6 Cf. GIUMBELLI, Emerson. Zélio de Moraes e as origens da Umbanda no Rio de Janeiro. In: SILVA, Vagner Gonçalves da (Org.). Caminhos da Alma. Coleção Memória Afro-brasileira. Vol.I. São Paulo. Summus/Selo Negro, 267, p. 2002 (1ª edição); 2012 (2ª edição).

7 Cit. MALANDRINO, Brígida Carla. Há sempre confiança de se estar ligado há alguém: dimensões utópicas das expressões das religiosidades bantu no Brasil. 2010. Tese (Doutorado em Ciências da Religião). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUC SP, 2009.

Aqui temos como base alguns princípios da religiosidade bantu: o culto aos mortos, o uso de comidas e bebidas votivas, o abate animal, o Ser Supremo como mantenedor da energia que traz a vida, os magistas (curandeiros e feiticeiros) que trazem a ordem ou o desequilíbrio em contato e relação ao mundo espiritual. Posteriormente vamos adentrar em mais algumas filosofias bantu e seus processos históricos percorridos no Brasil.

## **2.2 Zélio Fernandino de Moraes**

Para a maioria dos Umbandistas, a religião de Umbanda tem sua origem com o médium Zélio Fernandino de Moraes. Sua história tem início na cidade de Niterói, no Estado do Rio de Janeiro. Aos 17 anos, prestes a entrar para a Marinha, Zélio começa a ter graves problemas de saúde com uma paralisia que o acometeu de repente, tendo feito a ida a médicos, mas sem solução. Até que um dia, o jovem acorda sem nenhum sinal do que sentia anteriormente. Um amigo da família recomendou que o levassem até a Federação Espírita de Niterói para que pudessem averiguar o caso sob outro olhar. Durante a sessão espírita, Zélio incorpora o espírito de um indígena, o qual foi duramente repreendido na sua manifestação naquele espaço, e ocorreram tentativas de doutrinação do mesmo. O espírito indagou o porquê de toda aquela repreensão, e a resposta recebida foi que espíritos de indígenas e antigos escravizados que estavam se manifestando ali, naquele dia, estavam em atraso espiritual em virtude dos seus sujeitos sociais<sup>8</sup>. Pois o mesmo espírito respondeu que se apresentava como um caboclo, mas que em vida já havia sido um Padre Jesuíta de nome Gabriel Malagrida, e que no dia seguinte, às 20:00 horas, incorporaria em Zélio em sua casa para que uma nova religião fosse fundada, onde suas bases seriam a de paz, amor e caridade, dando a oportunidade para que estes mesmos espíritos de indígenas e escravizados, tivessem a sua oportunidade de manifestação em virtude daqueles que mais necessitassem. Após a fala o espírito disse “pois me chamem de Caboclo das Sete Encruzilhadas, porque para mim não haverá caminhos fechados”.

No dia 15 de novembro de 1908, dia seguinte da sessão espírita, próximo das 20:00 horas, a casa de Zélio se encontrava cheia, tanto de membros do meio Kardecista, quanto de curiosos da sociedade procurando saber o que aconteceria. O dito Caboclo incorpora em Zélio, e naquela noite fez atendimentos aos doentes, ouviu aqueles que estavam em necessidade, e deu abertura para que outros espíritos, como o de Pai João, um preto velho ex escravizado, pudessem se manifestar. Caboclo das Sete Encruzilhadas disse que a partir daquele momento uma nova religião havia sido fundada, e o nome seria Aumbandhã.

Esta é a história é dita como o mito fundador da Umbanda, e neste artigo vamos analisar tanto a história contada acima, quanto os processos históricos, políticos e sociais que a envolvem.

## **3. O PROCESSO DE COLONIZAÇÃO AFRICANA: BREVE INTRODUÇÃO**

Os colonizadores portugueses passaram a ter contato com os povos centro africanos a partir de 1504. Trouxeram junto a seus navios o catolicismo como religião oficial e ligado a Coroa de Portugal, juntamente com os valores que estes se fundamentavam. Com a integração desses povos, ocorreu um câmbio intercultural através dos processos de captura e prisão dos cativos. Suas identidades foram fragilizadas com as imposições que os colonizadores impuseram, seja através da religião, seja através da retirada de seus espaços nativos. A intenção era transformar o nativo em escravo, fragmentando aquilo que os mantinha ligados ao seu povo, sua ancestralidade e suas identidades.

---

8 Cf. VEIGA, Edson. Zélio, o Caboclo das Sete Encruzilhadas: o “fundador da Umbanda” que não é bem aceito pelos umbandistas atuais. BBB News Brasil, 2021. Disponível em: < <https://www.bbc.com/portuguese/geral-59677047> > Acesso em: 20 out. 2023.

Levava um longo tempo desde a captura até o embarque dos negros nos navios tumbeiros para a vinda para o Brasil, e compartilhando a situação de prisioneiros nos barracões, fortes e prisões, trocas entre os bantu foram acontecendo e se aglutinando a medida que perceberam semelhanças entre si e o forte laço que os ligava.

#### **4.1 Colonização africana precedente a chegada dos negros ao Brasil**

Expõe-se de forma simples o processo de construção do que entende-se por povos bantu, para compreender a construção dessas tradições, suas trocas, e seus agentes históricos e geográficos.

Malandrino<sup>9</sup>, nos diz que as migrações dos povos bantu dentro da própria África durou cerca de dois mil e quinhentos anos, e perduraram até o século X (LOPES, 2007, apud MALANDRINO, 2010, p. 46), segundo dados historiográficos iniciando-se na atual região de Camarões e expandindo-se pela África Central, Oriental e do Sul (MELLO E SOUZA, 2006, apud MALANDRINO, 2010, p. 45). Tais deslocamentos se deram por busca de terras férteis, o que também ocasionou o aumento da população e a mistura de diversos povos, com suas singularidades linguísticas, culturais, suas religiosidades e tradições, expandindo aquilo que é chamado de bantu por várias partes do continente africano.

Os colonizadores portugueses haviam feito contato com os povos de Angola desde o ano 1504 e para que a escravidão pudesse acontecer, era necessário a inserção religiosa, no caso a Católica, já que para os textos bíblicos os povos africanos eram tidos como amaldiçoados e sem alma<sup>10</sup>. Após a sua captura, houve todo um processo da desintegração do cativo para torná-lo escravo. Era necessário o rompimento com suas tradições locais, culturais e religiosas.

O entre curso desde a captura, a chegada aos barracões, fortes e prisões, e finalmente a chegada ao Brasil levava meses. Nos barracões, os escravizados passavam por um batismo em massa, conferindo-lhes alma e sendo ressignificados de “coisas” para com atributos de identidade, um processo de “humanização” da mercadoria. Lhes era incutido a liturgia católica e um novo nome para se enquadrarem dentro das premissas do colonizador. Esta ação carregava um peso de violência, já que seus nomes estão ligados à cultura, e é através dela que seu nome encontra explicação e sentido.

Wissenbach (2005, apud MALANDRINO, 2010, p. 124) defende que “a complexidade do tráfico negreiro remete os africanos à condição de agentes históricos. Os barracões, os fortes e as embarcações, nesse aspecto, podem ser considerados mundos sincréticos, multiétnicos e transculturais, onde ocorriam hibridismos religiosos e diálogos culturais.” Os barracões podiam abrigar de quatro a seis mil escravizados. Isso nos mostra que antes da chegada ao Brasil, já havia hibridismos religiosos e diálogos culturais, não havendo uma pureza destas tradições.

Nestes espaços, os capturados se comunicavam, já que permaneceram por um longo tempo juntos. Tal situação os fez perceber laços profundos que os ligava. Trocas linguísticas, culturais, étnicas e religiosas fizeram com que parte de suas identidades não fossem apagadas, fazendo um cruzamento de informações importantes para a sua resistência e preservação.

---

9 Cit. MALANDRINO, Brígida Carla. Há sempre confiança de se estar ligado há alguém: dimensões utópicas das expressões das religiosidades bantu no Brasil. 2010. Tese (Doutorado em Ciências da Religião). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUC SP, 2009.

10 SILVA, Gian Carlo de Melo. Os filhos da escravidão e o primeiro sacramento: batismo, compadrio e sociedade escravista na freguesia de Santo Antônio do Recife, Capitania de Pernambuco, no fim do século XVIII. 2018. Universidade Federal de Alagoas, 2018.

Depois de um longo período, desde a sua captura até a sua chegada à costa para o embarque para o Brasil levava meses, e seus corpos já se encontravam fragilizados. A estadia dos barracões, fortes e prisões, eram insalubres, com extrema falta de higiene, disseminação de doenças e pestes, ocasionando mortes dos capturados antes mesmo de embarcar nos tumbeiros (expressão utilizada ao se referir os navios de comércio negreiro e o alto índice de mortes que ocorria durante a travessia).

No trânsito atlântico para o Brasil, a fraqueza de seus corpos, a falta de alimentação, falta de água potável e a disseminação de doenças em nada diminui comparados aos lugares que foram aprisionados antes da partida. Juntando esses fatores, e com o distanciamento de sua terra natal, a falta dos hábitos culturais, o afastamento de seus familiares, o desfalecimento de suas identidades e as condições severas a que eram impostos, fez com que uma espécie de doença assolasse os escravizados. A tal doença deu-se o nome de “*Banzo*”, uma espécie de melancolia, tristeza profunda, cólera, depressão, tendo também seu motivo referenciado como a saudade de sua terra natal.

Os povos bantu acreditam que a linha do horizonte, a qual eles chamam de Kalunga, era o limiar entre o mundo físico e o espiritual, e que lá habitam seus antepassados e suas divindades. A travessia também carregava um fator de pavor, já que do outro lado da linha do mar estava o mundo dos mortos. Então para eles, esse percurso os estava levando para a morte. A doença do banzo que acometia uma parcela dos escravizados, fez com que eles se jogassem ao mar. Para os colonizadores eles estavam cometendo suicídio, e para a tradição dos cativos eles estavam indo ao encontro de seus antepassados ao cruzar o espelho d’água.

#### **4.2 O processo de colonização no Brasil e a chegada de novas religiosidades**

Com a chegada dos portugueses ao Brasil em 1.500 e a conversão dos indígenas ao catolicismo feita de forma compulsória, os povos originários, assim como os que ainda haveriam de chegar, precisaram criar tecnologias através dos seus conhecimentos para resistir e manter suas tradições, mesmo que de forma sincrética. O professor doutor Mário Filho, sacerdote do Templo Espiritual Caboclo Pantera Negra e Ilé Ifá Ajàgùnmlè, iniciado na Umbanda, Omolocô, Kimbanda, Ifá e Culto Tradicional Yorubá, menciona em seu vídeo “Santidade: culto indígena que influenciou a Umbanda”<sup>11</sup>, o historiador Ronaldo Vainfas, que publicou em 1995 seu livro “*A heresia dos Índios: Catolicismo e rebeldia no Brasil Colonial*”, onde cita que em meados de 1570, um indígena batizado com nome de Antônio, cria uma prática religiosa que une o catolicismo popular com práticas indígenas, onde havia incorporação de espíritos, o uso do fumo, de bebida alcoólica feita a partir da mandioca, tinham um espaço sagrado como altar para Maria, a mãe de Jesus, e tal prática religiosa foi chamada de Santidade ou Santé.

A manifestação de Santé começou a se espalhar, fazendo com que sofresse perseguições por parte da Coroa. Além da prática religiosa, o movimento também funcionou como resistência indígena aos colonizadores. O sincretismo do catolicismo popular já estava em ação com a Santidade, mesmo com a perseguição da Coroa portuguesa para o extermínio do movimento. À medida que os povos africanos foram chegando em terras brasileiras, outras interações foram acontecendo. Em meados de 1506, negros bantus chegaram em terras recém colonizadas, fomentando o caldeirão que aqui estava se criando através de trocas e interações com os povos que aqui já estavam. As práticas foram se aglutinando, e outras formas de cultos foram surgindo. Indígenas e africanos identificaram semelhanças em seus cultos, como por exemplo a

---

11 FILHO, Mário A. Silva. Santidade: culto indígena que influenciou a Umbanda. YouTube, 23 out. 2020. Disponível em: <[https://www.youtube.com/watch?v=g6MLo48GWUs&t=2s&ab\\_channel=Tradi%C3%A7%C3%A3o-M%C3%A1rioFilho](https://www.youtube.com/watch?v=g6MLo48GWUs&t=2s&ab_channel=Tradi%C3%A7%C3%A3o-M%C3%A1rioFilho)>.

incorporação de espíritos, por vezes chamados pelos bantus de Bakulos, que são espíritos ancestrais e da natureza.

Os povos congo-angolenses, tiveram um passado enquanto nômades, como citado no capítulo anterior, e em cada nova região que passavam era prestado o culto e reverência aos ancestrais daquelas terras. Com a chegada desses povos ao Brasil, os mesmos mantiveram suas tradições, e com a interação com os indígenas, prestaram suas reverências aos povos originários das terras brasileiras (alguns séculos depois temos o “surgimento” do Candomblé de Caboclo, religiosidade que une traços dos Candomblés com o culto aos ancestrais das terras brasileiras e território africano).

## 5. Religiosidades híbridas em território brasileiro

Com a continuidade do tráfico negreiro e a instalação dos povos africanos no Brasil, nota-se a ascendência da Umbanda pelas raízes Bantu, e uma importante personagem dessa história é mencionada em alguns textos. Luzia Pinta, africana nascida em Luanda, veio sequestrada para o Brasil aos 12 anos de idade, sendo levada para a região de Sabará, em Minas Gerais. Luzia era uma sacerdotisa tradicional de Calundu. Aos 19 anos já havia comprado sua carta de alforria e um pequeno terreno, no qual aconteciam no terreiro as sessões de Calundu. Ficou bem conhecida em sua região, onde era procurada tanto por negros, quanto por brancos. Em 1.739 foi presa pelo Tribunal da Santa Inquisição e levada para Portugal, acusada de feitiçaria. Em 1.742 foi condenada ao degredo e proibida de retornar ao Brasil. A feiticeira africana ficou famosa na história por ser a única Calunduzeira no Brasil a ser julgada pelo Tribunal da Santa Inquisição. Depois do ocorrido pouco se sabe sobre seu paradeiro. Alguns dizem que retornou para sua região natal, em Angola<sup>12</sup>.

O primeiro registro que se tem do termo Calundu, ou melhor, Calundus, foi feito pelo poeta luso-brasileiro Gregório de Matos, ou Boca do Inferno como também era conhecido. O termo foi colocado como forma genérica para se referir às práticas afro religiosas do século XVIII. Em 1.728, Nuno Marques Pereira, em seu livro “Compêndio Narrativo do Peregrino das Américas”, menciona o termo Calundus, como sendo um culto de origem Bantu, onde acontecia adivinhações de toda sorte, para saber quem estava lhe querendo o mal, para a restauração da saúde, obter dinheiros, resolver suas relações amorosas. Durante as sessões, os calunduzeiros incorporavam espíritos/entidades que conversavam com as pessoas (diferentemente do Candomblé, onde as divindades descem em seus Kavalus (Kávalu. sub. (IX) Partidário; companheiro I Camarada I Pessoa com que se tem relação de amizade)<sup>13</sup> e encenam através das danças os mitos, compartilhando dessa forma o seu axé com a comunidade), auxiliando nas questões que lhe eram levadas. Havia o sacrifício de animais, oferta de comidas votivas, uso de roupas ritualísticas e paramentas nos momentos de incorporação.

Com a perseguição aos praticantes do Calundu, o culto foi se reduzido, e com as interações entre os povos nestas terras, outras fusões foram acontecerem. A Cabula, a qual é possível identificar como a avó da Umbanda e mãe da Makumba, para mais fácil assimilação, possui registros em várias regiões do território nacional. A que tudo indica iniciou-se pelas regiões de Salvador – BA, desceu para o Espírito Santo, até parar no Rio de Janeiro<sup>14</sup>. Nina Rodrigues em seu livro “A morte branca do feiticeiro negro”, cita um documento difundido pelo bispo Dom João Correa Nery, onde apud

---

12 ORTIZ, Renato. A morte branca do feiticeiro negro. Umbanda e sociedade brasileira. 1ª edição. São Paulo: Editora vozes, 1978.

13 JUNIOR, A. de Assis. Dicionário Kimbundo-português. Linguístico, Botânico, Histórico e Corográfico. 1923.

14 Cf. VEIGA, Edson. Zélio, o Caboclo das Sete Encruzilhadas: o “fundador da Umbanda” que não é bem aceito pelos umbandistas atuais. BBB News Brasil, 2021. Disponível em: < <https://www.bbc.com/portuguese/geral-59677047> > Acesso em: 20 out. 2023.

“as sessões de Cabula chamavam-se *mesa*, eram secretas, e se praticavam no bosque, onde, sob uma árvore, improvisava-se um altar. Um espírito chamado *tata* se encarnava nos indivíduos e os dirigia em suas necessidades temporais e espirituais. O chefe de cada mesa chamava-se *embanda* e era secundado pelo *cambone*; a reunião dos adeptos formava a *engira*.”

No final do século XVIII e principalmente começo do século XIX, ocorre a chegada dos Yorubá. Povos vindos da África Ocidental, de países como Nigéria, Togo e Benim. Fizeram um chacoalhar nas religiosidades presentes que aqui estavam. O culto aos Orixás é corporificado na herança dos cultos remanescentes citados acima.

No século XIX haveria de ser conhecido por aquilo que chamamos de Makumba Carioca, um culto que seria uma espécie de hibridismo do caldeirão cultural, de trocas e vivências que ocorriam nas encruzilhadas do nosso cruzeiro do sul. Era uma religião de êxtase, de catarse, de corpos negros extravasarem-se alegres, cantando e fazendo invocações a divindades. Para entender melhor as tentativas de banimento desta forma de cultos africanos, o presente trabalho apresentará uma visão dos sincretismos na próxima sessão.

### 5.1. Sincretismos

Desde a chegada de novos povos em território nacional, novas interações foram acontecendo e a aglutinação de culturas decorreu em hibridismos. O sincretismo religioso foi um processo fluido, construído através de trocas e convivências, uma maneira encontrada para a sobrevivência das culturas dos povos escravizados. De início temos o Santé, uma religiosidade ameríndia com elementos do catolicismo popular. Com a chegada dos povos bantu e as suas pluralidades, várias outras formas de culto surgiram ao longo dos anos, se adaptando às realidades sociais, tentando fugir das repreensões tanto do Estado, quanto da Coroa.

Há vários pontos de ligação entre as diferentes tradições. Os povos indígenas e os bantu se conectaram através do culto a natureza, culto aos mortos, utilização de ervas, bebidas e comidas votivas, incorporação de espíritos de ancestrais e antepassados, e tudo isso envolvendo o catolicismo, afinal era a religião dos colonizadores e incutida nas terras dominadas<sup>15</sup>. A partir do final do século XVIII e início do século XIX, temos a chegada dos povos Yorubá, inserindo nas religiosidades sincréticas que aqui foram se criando, o culto aos Orixás.

O sincretismo católico e afro diaspórico vai além do pensamento popular entre a representação de um Orixá com um santo católico, e tal processo se deu na tentativa de encontro entre similaridades entre os mesmos para que o objeto sincrético fosse colocado em ação. Um exemplo: Ogum é sincretizado com São Jorge. Os dois têm em comum o envolvimento com guerras, lutas, sendo considerados guerreiros. Há um abismo gigantesco tanto no culto quanto na origem de cada um deles. Mas foi um processo de tecnologia ancestral para manter a sobrevivência de suas tradições.

A maior parte da Cabula, era formatada por elementos Bantus e com influências Muçulmi (malê, muçulmana). Havia fusões sincréticas; uma mistura do catolicismo, o Santé indígena, e as religiosidades africanas de forma organizada. Pode-se observar que alguns elementos utilizados desde o século XVIII e XIX, fazem parte do culto umbandista atualmente. Palavras como *engira*, que se tornou *gira* para mencionar

---

15 Cf. ORTIZ, Renato. A morte branca do feiticeiro negro. Umbanda e sociedade brasileira. 1ª edição. São Paulo: Editora vozes, 1978.

os cultos ou sessões. O *embanda* é o mesmo que o *umbanda*, praticante da Quimbanda. Umbanda, do Kimbundo “arte ou maneira de curar, encantar.” Na Cabula também há o culto dos Bakulos, também chamados de Bakuros para se mencionar os espíritos de ancestrais. Esse costume é uma herança dos povos Bantus.

É possível expandir a busca pelos sincretismos através de comparações com as ritualísticas bantus, com a possibilidade da maleabilidade da forma de culto, manipulação de forças espirituais e naturais, o acúmulo de signos como forma de poder. Outro elemento que podemos citar é o Dikenga, um cosmograma dos povos Bantu, sobretudo os Bakongo, que corresponde a um círculo com quatro ciclos, representando o movimento do Sol e as etapas de vida e morte que um ser humano passa, e uma explicação do mundo e dos multiversos. É uma cosmopercepção muito profunda, e cada um de seus eixos merece estudos específicos. Bunseki Fu Ki.Au, pensador congolês das áreas de antropologia cultural, educação biblioteconomia e desenvolvimento comunitário e sacerdote em tradições bantu-congo<sup>16</sup>, veio ao Brasil na década de 90 e expôs sua sabedoria a respeito destes ciclos, que por um tempo se mantiveram guardados devido ao processo de colonização e movimentos de tráfico negroiro.

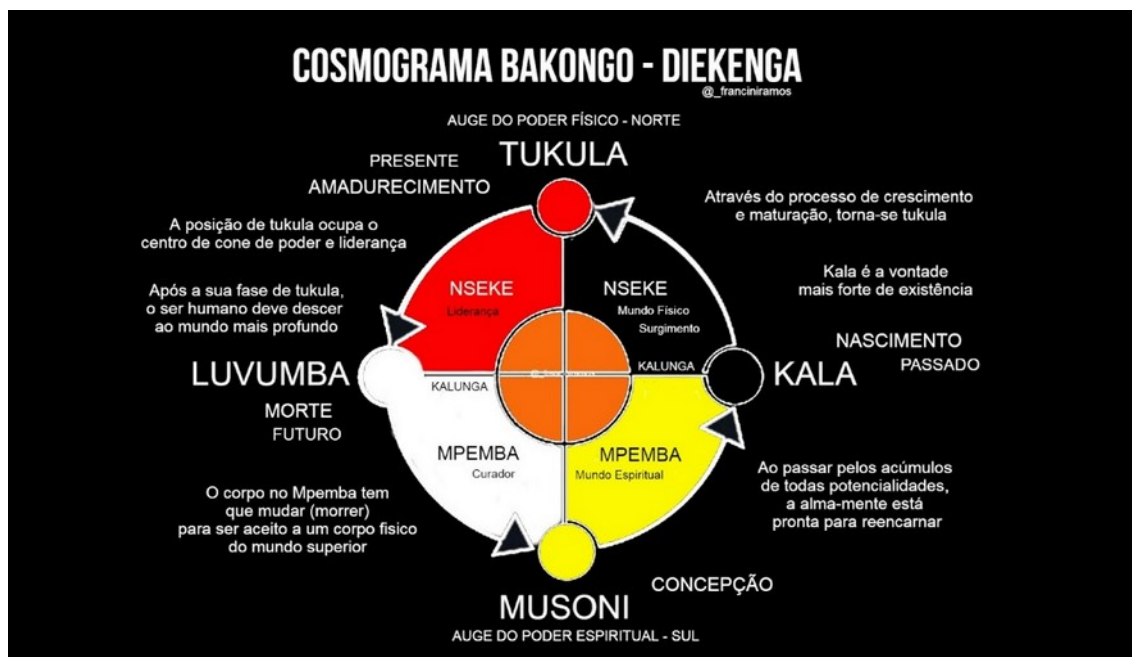


Figura 1: Dikenga. Fonte: [https://twitter.com/\\_franciniramos/status/1278148368460648450](https://twitter.com/_franciniramos/status/1278148368460648450)

Os pesquisadores e religiosos que estudam mais a fundo a influência dos povos bantu na Umbanda, compreendem que a cruz, vista em quase todos os terreiros, seja representando Jesus Cristo para os grupos mais cristãos; seja representando a Cruz das Almas, uma espécie de símbolo que teria a função de portal e representação dos antepassados e ancestrais para as práticas mais populares; também representa o cosmograma citado acima, tendo o nome de Yowa, a cruz em menção ao Dikenga. Essas informações podem não ter tido a mesma dispersão do que as outras citadas (a cruz cristã e cruz das almas), devido aos movimentos de escravização, sendo os bantu os primeiros povos africanos a serem trazidos para o Brasil, e

16 Fu-Kiau, Kimbwandende Kia Busenki tradução Vadina O. Pinto. A visão Bântu Kôngo da sacralidade do mundo natural. Saberes Tradicionais UFMG. Disponível em: < <https://www.saberestradicionalis.org/publicacoes-de-mestras-e-mestres-texto-de-fu-kiau-traduzido-por-makota-valdina/#:~:text=%E2%80%9CA%20Vis%C3%A3o%20Bantu%20K%C3%B4ng%C3%B4da,rem%C3%A9dio%2C%20lazer%20e%20informa%C3%A7%C3%A3o.%E2%80%9D> > Acesso em: 18 nov. 2023.

com isso sofreram as agressões do tempo e da história; seja pelos Yorubá terem uma ascendência mais recente em território nacional<sup>17</sup>. Destaca-se a importância do doutor Bunseki Fu Ki. Au para compreender as atuais discussões que estão sendo construídas sobre as religiosidades afro diaspóricas e a origem bantu da Umbanda.



Figura 2: Kimbando Mbundo com seus fundamentos - 1935. Fonte: <https://www.instagram.com/p/B1cM06bHaqk/>

Analisando-se a imagem acima, observa-se algumas similaridades com itens utilizados nos terreiros de Umbanda: o cetro/cajado representando o poder do Kimbando, os chifres que são reservatórios de magias, as cabaças, uma espécie de maraca, as estatuetas representando um receptáculo de espíritos que são controlados pela magia de acordo com a sua intenção, um cachimbo, um pano recaído na altura dos umbigo (para os povos bantu o umbigo é o centro do mundo), um penacho feito de penas de aves específicas que voam bem alto como símbolo de elevação e contato espiritual e uma peneira com instrumentos adivinhatórios.

O pioneirismo do estudo das religiosidades dissidentes que aqui chegaram, teve maior início de atenção por volta do fim do século XIX, com Nina Rodrigues, Arthur Ramos, Édison Carneiro e Roger Bastide, que tiveram como foco os Candomblés Jeje-nagô do Nordeste e do Rio de Janeiro. Mesmo com perspectivas do evolucionismo social e biológico, dizendo que os negros eram inferiores aos brancos, menos organizados, atrasados mentalmente para seguirem a um modelo monoteísta, e para isso buscavam aparato científico que os defendesse em suas teses, é possível retirar informações para compreender a realidade dos Candomblés daquela época. Passando a ter somente a partir da década de 1970, 1980 e 1990 com Renato Ortiz, Diana Brown e outros, trabalhos mais endossados e recentes a respeito da Umbanda<sup>18</sup>.

A demora para se ter mais estudos sobre a manifestação da Umbanda se deve há alguns fatores. Um deles seria o posicionamento dos pesquisadores acadêmicos, como Nina Rodrigues e Arthur Ramos, dizendo uma superioridade dos povos Jeje-Nagô, enaltecendo o que chamamos de “Yorubalândia” e menosprezando os ritos bantus, dizendo que estes eram muito simplistas, sem elementos e muito difusos com o sincretismo católico. Edson Carneiro acrescenta que por tais motivos, tal modelo Jeje-Nagô se

17 Episode 65: Atina pra isso #65: Vitor Ogun Yandê. [Locução de]: David Dias. São Paulo: Aruanda Studio. Podcast. Disponível em: <https://open.spotify.com/episode/4VkJE3BVprbDCQ0cQZTk4?si=31f6d2b092f94856>. Acesso em: 19 nov. 2023.

18 Cf. Disponível em: [https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/8744/8744\\_3.PDF](https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/8744/8744_3.PDF). Acesso: 29 set. 2023.

expande por todo o país. A academia, assim, também se torna responsável pelos enquadramentos das expressões das religiosidades em suas divisões, quando na verdade, observamos uma comparação pela busca de um puritanismo. Vitor Cardozo, Babalorixá de Candomblé da nação Ekiti-Efón e historiador, no podcast “Atina pra isso” no episódio 65, critica essa forma de “Nagôcentrismo” e diz que os últimos grupos étnicos a chegarem ao Brasil foram os Yorubá, no final do século XIX, e quando aqui chegaram, encontraram um cenário bem diferente daquele que os Bantu tiveram que vivenciar: a realidade da “lavoura, chicote e senzala”. O mesmo questiona “como (os bantu) se estrutura algo nestas condições, já que o máximo que conseguiam fazer era uma saudação as divindades (chamada de Oriki) antes de dormir?” e de forma sigilosa, tendo em vista as repreensões que eram acometidos.

Também compreende-se a vinda do Espiritismo de Allan Kardec com a chegada de europeus para o Brasil em meados do século XIX. Talvez este movimento tenha sido bem recebido dentro das religiosidades nacionais porque também trazia a comunicação com os espíritos dos mortos. Socialmente há outros motivos para isso, como o crescimento do cientificismo e a necessidade de explicações racionais para os acontecimentos da vida após o secularismo histórico, e também pela origem e cor do movimento, que adveio da Europa, tendo surgido em um núcleo de pensadores da elite social e acadêmica.

A preocupação dos autores iniciais dos movimentos religiosos dos negros no Brasil, se deve não por quererem compreender a religiosidade, o mundo em encantamento que aqueles sustentavam, mas para entender a realidade de um sujeito que agora já não é mais escravo; é um cidadão, por tanto, um ameaça ao branco. Sobre tal citação, Nina Rodrigues (1977, p.4) diz que “a escravidão se extinguiu, o negro é um cidadão como qualquer outro, e entregue a si poderia suplantar ou dominar o branco.”

## **6. O Brasil e a abolição da escravatura**

Após quase quatro séculos de escravismo, o Brasil cede a pressões internacionais e nacionais com os movimentos abolicionistas e a organização dos escravizados, e aprova a Lei Áurea pondo um suposto fim ao regime escravocrata. Os escravizados têm uma mudança identitária com esse processo, deixando de ser escravizados para se tornarem sujeitos livres. Isso teve uma implicação de mudanças nas estruturas sociais. Os povos bantu e seus afro descendentes se identificavam enquanto livres, e para as oligarquias eles eram considerados ex-escravizados. Foram lançados na sociedade sem que nenhuma preparação de inserção fosse feita, seja com alimentação, moradia e instrução, e os impactos da falta disponibilidade de mão de obra foram sentidas pelos senhores de escravos, ocorrendo desorganização nas fazendas e disputa pelos trabalhadores disponíveis. Isso fez com que no final do século XIX e início do século XX o Brasil recebesse mão de obra europeia. Isso fez com que os ex escravizados tivessem menos oportunidades de trabalho, seja nas fazendas, seja nos afazeres nas cidades.

A liberdade também trouxe aos escravizados a oportunidade da formação de famílias, mas regras foram impostas para que isso ocorresse. Relações de casamentos e união entre ex escravos, escravos livres e alforriados aconteceram, fazendo um trânsito entre famílias. Grande parte dos indivíduos se mudaram das fazendas para as cidades, na intenção de se distanciar do passado imposto. Eles contaram com o senso de comunidade e formações de grupos, e tais relações se davam além da consanguínea, para traduzir relações que compartilhavam e criavam símbolos, tradições e vivências.

Mas tais sujeitos se viram vagando por um espaço de inserção de suas identidades na sociedade.

As comunidades que foram se criando nos meios urbanos foram importantes para o compartilhamento de religiosidades e reencontro com suas identidades arrancadas durante o período escravista. Malandrino diz que “alguns componentes da herança cultural, podem ser transmitidos

inconscientemente entre indivíduos, ou talvez, de geração para geração. Pode ocorrer que alguns traços tenham desaparecido na superfície de uma tradição específica durante certo período histórico. Após algum tempo, quando as circunstâncias são favoráveis e a necessidade aparece, como nas mudanças sociais incisivas, o traço perdido é reinventado.”

## 7. A formação do mito fundador

Como dito no primeiro capítulo, houve a difusão do mito fundador da Umbanda através de Zélio Fernandino de Moraes, mas é preciso analisar os fatos mais a fundo. No dia 14 de novembro de 1908, na sessão espírita, o Caboclo das Sete Encruzilhadas disse ser um padre jesuíta na “roupagem fluídica” de um indígena. Atentando a tal fato, a legitimação do Caboclo se deu por um processo católico e europeu quando menciona quem já havia sido em vidas passadas. No dia 15, o mesmo Caboclo diz que além de espíritos de indígenas e negros, todo espírito seria bem-vindo a se manifestar, o que se aproxima muito mais ao kardecismo do que o culto dos bantu aos antepassados. Com este fato, nos damos conta que o que estava sendo instaurado com estas falas e situações, era um espiritismo, que unia alguns elementos bantus, mas que a todo tempo tentava se distanciar das nomeações das religiosidades afro diaspóricas.

Com a instalação do Estado Novo, o Brasil tenta através do governo de Getúlio Vargas (1937-1945) a criação de uma identidade nacional, e com a vinda dos europeus, fazer um higienismo e embranquecimento social. As relações de mestiçagem entre os negros foram fragilizadas, colocando esses indivíduos as margens da sociedade, seja geograficamente, seja com seus direitos e inserções na sociedade. O que era de descendência africana passou a ser criminalizado e perseguido. Discorre-se a respeito das Makumbas cariocas, uma espécie de antecessora da Umbanda. O culto se dava com o êxtase, a catarse, os corpos negros em movimento<sup>19</sup>. Foi um meio onde os negros se reuniam suas dores sociais, que eram brevemente deixadas de lado com o encontro com seus irmãos e os espíritos que baixavam. Essa atitude vista pela sociedade foi tida como feitiçaria e charlatanismo, indo parar nas páginas de jornais e enquadrados policiais<sup>20</sup>.

Assim como foi dito, as religiosidades bantu têm fluidez e pluralidades nas suas formas de culto, e isso deu a oportunidade para que os movimentos de instauração de uma religião de Umbanda se aproveitassem e fizessem modificações profundas em suas bases. No Primeiro Congresso de Espiritismo de Umbanda (1941), tiveram duas pautas principais: uma voltada para o corpo sacerdotal, com o intuito de estabelecer doutrinas voltadas para a prática da caridade, inserindo cada vez mais os valores espíritas e cristãos. Os efeitos dessas ações foram sentidos em outros contextos. Pais e mães de santo que viviam financeiramente de suas rezas, reza de quebrantos e feitiços, curas, ebós, banhos e atendimentos, comuns a religiosidade bantu, tiveram sua fragilidade econômica e social atenuada, já que perderam sua renda. Enquanto os membros do movimento umbandista, que fazia parte de uma gama da sociedade de classe média, comerciantes e até militares, mantinham suas rotinas. Eles mantinham a mesma estratégia de Getúlio Vargas, de assimilação do projeto político-ideológico do Estado Novo, com a intenção de facilitar a sua inserção social.

O segundo ponto seria os fatores históricos da fundação da Umbanda. Zélio veio a aparecer nos jornais de Umbanda promovidos pela Federação Espírita criada muito mais tarde do que a data de 1908, sendo citado em alguns periódicos a partir da década de 1950. Em um vídeo, sua filha Zélia de Moraes e

19 Cf.. MALANDRINO, Brígida Carla. Há sempre confiança de se estar ligado há alguém: dimensões utópicas das expressões das religiosidades bantu no Brasil. 2010. Tese (Doutorado em Ciências da Religião). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUC SP, 2009.

20 Cf. ORTIZ, Renato. A morte branca do feiticeiro negro. Umbanda e sociedade brasileira. 1ª edição. São Paulo: Editora vozes, 1978.

sucessora na direção da Tenda Espírita Nossa Senhora da Piedade, citou que quando seu pai se adoeceu jovem, foi levado a um Terreiro de Umbanda, sendo atendido por uma entidade chamada Preto Velho Tio João. O dia 15 de novembro sendo referido como data da fundação da religião não é à toa, ela faz menção ao dia da Proclamação da República e serve de razão adjunta para a verificação da instalação do Estado Novo. Outras teorias a respeito do mito da religião foram lançadas, como a o passado da religião sendo em Atlântida e Lemúria, onde os dois continentes afundaram pelo uso abusivo do poder da magia e da ciência de seus nativos, segundo o responsável da Tenda do Caboclo Mirim, Benjamin Figueiredo. Matta e Silva e Rivas Neto, têm influências no ocultismo, vão dizer que "Aumbandã vem do adâmico ou do sânscrito, por vezes sendo chamada de "A Senhora da Luz Velada", fazendo referências ao culto de Ísis no antigo Egito.

Além dessas funções, os Congressos e Federações Espíritas de Umbanda, tinham a intenção da uniformização e inspeção do culto, sendo colocados como ações de atraso espiritual o uso de fumos, bebidas, roupas coloridas e apetrechos, atabaques, palmas e sacrifício de animais. As rodas bantus onde se misturavam homens e mulheres foram substituídas pela separação de homens de um lado e mulheres do outro, ambos com uniformes de seus referidos terreiros. Isso muito se assemelha com modelos militares de diferenciação.

Durante processos sociais de resgate do que era afro diaspórico, o Candomblé permaneceu fechado em sua estrutura. Já a Umbanda, atendendo os anseios de uma sociedade que visava a evolução e o cientificismo, se moldou a essas expectativas para ser aceita e institucionalizada. As Federações Espíritas de Umbanda tinham um diálogo direto com o Estado, a fim de minimizar as batidas e perseguições policiais e acontecer seu processo de aceitação pela sociedade. Tudo isso se distanciando do que era reconhecido como de origem africana, e quando acontecia, novas teorias eram feitas para explicar as ações, por exemplo o uso do fumo, que passou a servir como "um condensador de energias e emplastos negativos impregnados no perispírito, de modo a se fazer a sua limpeza e descarrego com o uso de marafo."

O Jornal do Comércio (RJ) em 1854 noticiou sobre uma rebelião de escravos que envolvia um grupo religioso comandado por Pai José Cabinda, também conhecido como Pai Gavião. No Jornal Correio do Amanhã, em 1923 fala sobre uma festa de São Jorge, no Terreiro de Pai Quintino, onde o texto explicava a respeito do ritual que acontecia. O sacerdote era chamado de Pae de Santo e o nome Umbanda já havia sendo ouvido, com a manifestação de espíritos para consulta. O uso ritual de pontos riscados, pembas, charutos, marafo, defumação já estavam presentes nesses espaços.

## **8. CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Com os dados e informações sinalizadas, nota-se que a Umbanda não tem uma data oficial de fundação ou surgimento. Ela é uma construção de processos históricos, povos, tradições e religiosidades que foram se aglutinando e se adaptando às medidas sociais impostas. O mito fundador a partir de Zélio, nos diz o que a sociedade pedia naquele momento: um ideal de embranquecimento e higienismo, de elites sociais e acadêmicas, na inserção de tal religiosidade no seio da sociedade.

Atualmente, a religião passa por um movimento de tentativa de resgate da sua ancestralidade Bantu, e o que pertence a esses povos é exaltado. Os terreiros estão passando por uma fase de descolonização. Tudo isso também acompanha as discussões atuais a respeito da estrutura social racista, o apagamento e marginalização de sujeitos sociais, e de como uma religião que se entende como plural recebe esses indivíduos. Autores como Bunseki Fu Ki.Au nos retoma a autoridade de ver, agir e refletir as

cosmogonias e cosmologias bantu. Personagens como Tatá Tancredo<sup>21</sup> estão sendo resgatados da memória e tendo seu lugar de valorização e pertencimento da história de profusão da religião.

A academia por várias décadas estudou as religiosidades de matriz africana, mas não na intenção de entender esses sujeitos, mas de como corpos marginais estavam influenciando a sociedade através de suas ações religiosas. Urge a necessidade de se compreender e refletir em cima de obras de autores e autoras decoloniais, que fazem a reflexão dos impactos desse embranquecimento na religiosidade de ascendência bantu, que entendam os processos históricos e sociais através dos olhares cativos e com teorias que representam os povos africanos, indígenas e latinos.

Nas palavras de José Carlos Gomes dos Anjos, estudioso das religiões, “o terreiro é o espaço do fracasso do colonialismo.”

## REFERÊNCIAS

David Umbanda. **Embranquecimento da Umbanda (Parte 1) #atinapraisso**. YouTube, 15 de nov. 2022. Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=UKqtnzHKPLs&ab\\_channel=DavidUmbanda](https://www.youtube.com/watch?v=UKqtnzHKPLs&ab_channel=DavidUmbanda)

Episode 65: **Atina pra isso #65: Vitor Ogun Yandê**. [Locução de]: David Dias. São Paulo: Aruanda Studio. Podcast. Disponível em: <https://open.spotify.com/episode/4VksIE3BVprbDCQ0cQZTk4?si=31f6d2b092f94856>. Acesso em: 19 nov. 2023.

FILHO, Mário. **Tata Tancredo da Silva Pinto: pequena biografia**. Templo Espiritual Pantera Negra – Ilé Mímó Àmòtékùn Dúdú. Disponível em: <https://templopanteranegra.com.br/umbanda-omoloko/tata-tancredo-da-silva-pinto-pequena-biografia-do-fundador-da-umbanda-omoloko/>. Acesso em: 04 de nov. 2023.

Fu-Kiau, Kimbwandende Kia Busenki tradução Vadina O. Pinto. **A visão Bântu Kôngo da sacralidade do mundo natural**. Saberes Tradicionais UFMG. Disponível em: < <https://www.saberestracionais.org/publicacoes-de-mestras-e-mestres-texto-de-fu-kiau-traduzidopormakotavaldina/#:~:text=%E2%80%9CA%20Vis%C3%A3o%20Bantu%20K%C3%B4ng%C3%A3o%20da,rem%C3%A9dio%20lazer%20e%20informa%C3%A7%C3%A3o.%E2%80%9D> > Acesso em: 18 nov. 2023.

GIUMBELLI, Emerson. **Zélio de Moraes e as origens da Umbanda no Rio de Janeiro**. In: SILVA, Vagner Gonçalves da (Org.). Caminhos da Alma. Coleção Memória Afro-brasileira. Vol.I. São Paulo. Summus/Selo Negro, 267, p. 2002 (1ª edição); 2012 (2ª edição).

JUNIOR, A. de Assis. **Dicionário Kimbundo-português. Linguístico, Botânico, Histórico e Corográfico**. 1923.

MAGALHÃES, Paulo. **Saberes da Kalunga – pensando o mundo contemporâneo a partir da epistemologia bakongo**. Edgardital – Universidade Federal da Bahia, 2018. Disponível em: <https://www.edgardigital.ufba.br/?p=6464>

MALANDRINO, Brígida Carla. **Há sempre confiança de se estar ligado há alguém: dimensões utópicas das expressões das religiosidades bantu no Brasil**. 2010. Tese (Doutorado em Ciências da Religião). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUC SP, 2009.

21 FILHO, Mário. Tata Tancredo da Silva Pinto: pequena biografia. Templo Espiritual Pantera Negra – Ilé Mímó Àmòtékùn Dúdú. Disponível em: <https://templopanteranegra.com.br/umbanda-omoloko/tata-tancredo-da-silva-pinto-pequena-biografia-do-fundador-da-umbanda-omoloko/>. Acesso em: 04 de nov. 2023.

OLIVEIRA, J.H.M. **As estratégias de legitimação da Umbanda durante o Estado Novo: institucionalização e evolucionismo**. HORIZONTE – Revista de estudos de Teologia da Ciências da Religião, v.4, n.8, p.133-143, 3 jun. 2006.

Omokolô Ceará. **Zélia de Moraes filha de Zélio de Moraes sobre a origem da Umbanda**. YouTube, 31 de mar. 2022. Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=q4ETAzdXCnk&list=LL&index=6&t=1s&ab\\_channel=OmolokoCear%C3%A1](https://www.youtube.com/watch?v=q4ETAzdXCnk&list=LL&index=6&t=1s&ab_channel=OmolokoCear%C3%A1)

ORTIZ, Renato. **A morte branca do feiticeiro negro. Umbanda e sociedade brasileira**. 1ª edição. São Paulo: Editora vozes, 1978.

**Os Quatro Ciclos do Dikenga**. Terreiro de Griôs, 2017. Disponível em: <https://terreirodegriôs.wordpress.com/2020/08/15/os-quatro-ciclos-do-dikenga/>

SILVA, Gian Carlo de Melo. **Os filhos da escravidão e o primeiro sacramento: batismo, compadrio e sociedade escravista na freguesia de Santo Antônio do Recife, Capitania de Pernambuco, no fim do século XVIII**. 2018. Universidade Federal de Alagoas, 2018.

SIMAS, Luiz Antônio. **A ciência das macumbas com Luis Antônio Simas e Luis Rufino**. YouTube, 13 de nov. 2021. Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=Mc-wDFXBvSI&list=LL&index=4&ab\\_channel=LuizAntonioSimas](https://www.youtube.com/watch?v=Mc-wDFXBvSI&list=LL&index=4&ab_channel=LuizAntonioSimas)

SIMAS, Luiz Antônio. **Branqueamento e Mestiçagem: O Maracanã no pensamento social brasileiro por Luiz Antônio Simas**. YouTube, 7 de nov. 2021. Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=61xIapuxX5o&list=LL&index=3&ab\\_channel=LuizAntonioSimas](https://www.youtube.com/watch?v=61xIapuxX5o&list=LL&index=3&ab_channel=LuizAntonioSimas).

SIMAS, Luiz Antônio. **Umbandas: Uma história do Brasil**. 1ª edição. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2021.

SIMAS, Luiz Antônio; RUFINO, Luiz. **Fogo no mato: a ciência encantada das macumbas**. 1ª edição. Rio de Janeiro: Mórula, 2018.

Tradição – Mário Filho. **CABULA: a avó da Umbanda e a Mãe da Macumba!**. YouTube, 12 de mar. 2021. Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=bGzhx3p16bM&t=102s&ab\\_channel=Tradi%C3%A7%C3%A3o-M%C3%A1rioFilho](https://www.youtube.com/watch?v=bGzhx3p16bM&t=102s&ab_channel=Tradi%C3%A7%C3%A3o-M%C3%A1rioFilho)

Tradição – Mário Filho. **Considerações sobre a Umbanda e sua história**. YouTube, 21 de fev. 2020. Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=xWGUF6GlaU&ab\\_channel=Tradi%C3%A7%C3%A3o-M%C3%A1rioFilho](https://www.youtube.com/watch?v=xWGUF6GlaU&ab_channel=Tradi%C3%A7%C3%A3o-M%C3%A1rioFilho)

Tradição – Mário Filho. **HISTÓRIA DA UMBANDA: Entrevista concedida ao Canal Construtores do Universo**. YouTube, 10 de ago. 2022. Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=G0UmtQ\\_jDtK&ab\\_channel=Tradi%C3%A7%C3%A3o-M%C3%A1rioFilho](https://www.youtube.com/watch?v=G0UmtQ_jDtK&ab_channel=Tradi%C3%A7%C3%A3o-M%C3%A1rioFilho)

Tradição – Mário Filho. **Macumba: A mãe da Umbanda**. YouTube, 16 de abr. 2021. Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=zV0W7YD5xW4&ab\\_channel=Tradi%C3%A7%C3%A3o-M%C3%A1rioFilho](https://www.youtube.com/watch?v=zV0W7YD5xW4&ab_channel=Tradi%C3%A7%C3%A3o-M%C3%A1rioFilho)

Tradição – Mário Filho. **NASCIMENTO DA UMBANDA**. YouTube, 4 de jun. 2021. Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=V6\\_np3aY3NA&t=277s&ab\\_channel=Tradi%C3%A7%C3%A3o-M%C3%A1rioFilho](https://www.youtube.com/watch?v=V6_np3aY3NA&t=277s&ab_channel=Tradi%C3%A7%C3%A3o-M%C3%A1rioFilho)

Tradição – Mário Filho. **OS CALUNDUS: A Umbanda antes de Zélio?**. YouTube, 22 de abr. 2022. Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=hfqwdclCoPY&t=15s&ab\\_channel=Tradi%C3%A7%C3%A3o-M%C3%A1rioFilho](https://www.youtube.com/watch?v=hfqwdclCoPY&t=15s&ab_channel=Tradi%C3%A7%C3%A3o-M%C3%A1rioFilho)

Tradição – Mário Filho. **Santidade: culto indígena que influenciou a Umbanda**. YouTube, 23 de out. 2020. Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=g6MLo48GWUs&t=2s&ab\\_channel=Tradi%C3%A7%C3%A3o-M%C3%A1rioFilho](https://www.youtube.com/watch?v=g6MLo48GWUs&t=2s&ab_channel=Tradi%C3%A7%C3%A3o-M%C3%A1rioFilho)

VEIGA, Edson. **Zélio, o Caboclo das Sete Encruzilhadas: o “fundador da Umbanda” que não é bem aceito pelos umbandistas atuais**. BBB News Brasil, 2021. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/geral-59677047> > Acesso em: 20 out. 2023.